

Entrevista Virtual

Manifestações sociais: modismo ou revolução?



O protesto que começou em São Paulo por conta de um aumento de R\$0,20 na passagem de ônibus e acabou em confronto com a Polícia paulista, despertou em milhares de brasileiros o desejo de protestar não só contra a truculência da Polícia, mas também contra a forma da prestação de serviços públicos no Brasil e a corrupção. A partir de agora, não só a classe política, mas também o povo brasileiro se questiona sobre mudanças concretas que podem acontecer com a onda de protestos que tomaram conta do país. Para discutir esse assunto e responder aos questionamentos dos internautas, o nosso entrevistado dessa semana é o economista e cientista político Eloi Senhoras, professor da UFRR.

Confira a Entrevista

Aniversário de Boa Vista – 9 de Julho



Boa Vista vai completar no próximo dia 9 de Julho 123 anos. Com mais de um centenário é inegável as transformações que a pacata Capital, localizada no extremo Norte, passou ao longo dessas 12 décadas. Hoje, com mais de 400 mil habitantes, ela concentra o centro do poder político e econômico do Estado. O crescimento demográfico aliado as inovações do mundo globalizado contribuiu para o aumento da sociedade de consumo, o que provocou mudanças não apenas positivas, mas negativas com desdobramentos nefastos em vários segmentos. Para falar sobre os projetos de mudanças tão esperados pela sociedade, nada mais propício que a prefeita da cidade, Teresa Surita, que está experimentando o quarto mandato. Participe enviando suas perguntas até sábado (6).

Participe

por meio das redes sociais.

A experiência de outras mobilizações virais difundidas por redes sociais, como no Oriente Médio, Europa e Estados Unidos, embora tenham sido marcos relevantes para contestar o status quo das políticas nacionais existentes, foram pequenas as mudanças políticas trazidas, motivo pelo qual as manifestações tenderão a crescer em diferentes partes do mundo.

No Brasil, as mudanças acontecerão, porém, não se sabe o impacto, a magnitude, o conteúdo, a capacidade das massas de introduzir uma agenda de reformas, ou, o tempo, já que há um ritmo lento que é próprio à realidade nacional, por meio de diferentes gerações de pessoas, tal como se observa desde a evolução democrática das manifestações das Diretas Já (década de 1980) e do Impeachment do presidente Collor (década de 1990).

04) Internauta: Montes

Pergunta: Manuais e teorias do social têm a função de refletir a realidade, como reconhecer as atuais manifestações de rua também como resposta à (in)serventia desses manuais e dessas teorias?

As atuais manifestações que acontecem no Brasil demonstram um padrão aberto de mobilização que tem sido analisada nos tradicionais estudos de análise política, embora, com contribuições estruturais recentes de pouco menos de uma década que são as mídias sociais de internet e celular, as quais são convergentes como esferas dialógicas para concentrar informações e massa crítica às mobilizações.

As teorias e manuais não morrem, mas se reatualizam a fim de compreender a realidade que por si é complexa, motivando recortes de compreensão, os quais já foram desenhados assincronicamente em outros momentos e que estão sendo desenhados sincronicamente com o próprio desenvolvimento dos acontecimentos hoje.

05) Internauta: Alfredo da Silva Neto

Pergunta: Eu não apoio e não faço coro com a desordem que se vê nas ruas de manifestantes mais alterados que acabam cometendo atos de vandalismo, depredando prédios públicos.

Mas chego a entender tanta revolta porque temos tanto dinheiro disponibilizado quase que todos os dias em programas A, B ou C e no dia a dia de quem ganha um ou até menos de um salário mínimo o que se vê são prédios mal cuidados, servidores mal remunerados que por sua vez descontam nos contribuintes, escolas acabadas, professores recebendo uma miséria, denúncias todo santo dia na imprensa de mais um ato de corrupção descoberto.

Depois de tanta notícia que escancara na nossa cara que só não temos bons serviços porque os gestores públicos simplesmente não querem, preferem fazer acomodações de políticos e encher os bolsos com o dinheiro público, não dá revolta e vontade de quebrar tudo? O meu temor é que coisas mais sérias aconteçam. O que o senhor acha que pode acontecer de pior do que mais vidas serem ceifadas?

Para a análise política dos impactos da mobilização social que tomou conta no país por meio do uso das redes sociais, como um espaço público de comunicação e de organização popular para protestar contra temas específicos, faz-se necessário identificar que a pluralidade de atores e de pautas envolvidas conduzem a um contexto complexo que precisa ser hierarquizado em termos de probabilidade, motivo pelo qual são construídos, ao menos, três cenários.

Na análise de um cenário pouco provável, há que se observar que embora as passeatas de mobilização social no país não sejam mobilizadas contra o Estado Democrático de Direito, já que representam um clamor popular pela garantia de direitos constitucionais, a eventual continuidade, sem uma devida filtragem e organização das demandas, tem potencial de gerar uma crise das instituições no curto prazo, exaurindo o próprio regime democrático.

Na identificação de um cenário com alta probabilidade de ser construído no curto prazo, observa-se que as mobilizações em diferentes partes do país têm um padrão aberto à inclusão de demandas específicas de um número muito amplo de atores sociais, o que tende a fragilizar a sustentabilidade dos protestos diários, de maneira que naturalmente eles tendem a se esgotar rapidamente ao longo do tempo.

No esforço de se prospectar um cenário intermediário, com razoável possibilidade de acontecer, há que se esperar que uma parcela das bandeiras identificadas pelos manifestantes passe a ser incorporada autopoeticamente pelo próprio sistema político, seja

para estabilizar a conjuntura. seja para algum agente ou partido político ter ganhos

para economizar e conjurar, seja para alguma agência ou partido político em games eleitorais, por meio da absorção de determinadas causas que angariem amplo apoio da opinião pública.

06) Internauta: Abraão Eloy

Pergunta: Sr. Eloi, baseando-se nos últimos protestos que ocorreram e ainda ocorrem por todo o Brasil, seria insano afirmar que tudo isso foi apenas o começo? O Brasil receberá a copa do mundo ano que vem, consequentemente o mundo estará de olho no país do futebol, manifestações, protestos, greves, poderão ser eventos certos neste período ou o senhor vê isso como uma chama apagando?

Agradeço a pergunta e de antemão registro concordância com os comentários, pois, diversos especialistas apontam que as manifestações atuais não se encerram neste momento, mas antes, terão reflexo em outros momentos conjunturais com ampla visibilidade internacional, já que o país passará por mais quatro grandes eventos ao longo dos próximos semestre, caso não haja uma blindagem institucional do governo por meio de uma série de políticas específicas de atendimento a uma parcela das demandas existentes nas manifestações sociais.

Grandes eventos como eleições, ou, Copa, Olimpíadas ou vinda do Papa Brasil podem, realmente, se tornar muito facilmente epicentros temporais de amplas manifestações de massa no Brasil em razão da rápida e fácil capacidade de articulação e difusão viral das redes sociais de internet.

Por um lado, há que se observar o risco da eventual ingerência de determinados grupos políticos ou atores interessados para a construção de um desgaste do atual governo em nível federal ou mesmo nos municípios e estados, ao fomentarem manifestações por meio das redes sociais sem identificação partidária, mas com interesses muito específicos nas eleições.

Por outro lado, advertências surgem quanto a contra-movimentos pela radicalização das forças policiais, ou, fomentados pelos partidos de base do governo federal, ou, por servidores comissionados a mando de governadores e prefeitos, como foi no caso do governo de Roraima, os quais, ao tentarem diluir protestos, podem gerar ampliar tensões, conflitos e difundir badernas.

07) Internauta: Silas Sampaio

Pergunta: Ouvi em alguns noticiários e programas de debates, os especialistas em política falarem que a "Cidadania está sendo reconstruída". É isso mesmo que está acontecendo?

O que as mobilizações sociais procuram é justamente questionar a crise da democracia representativa frente às ineficiências no fornecimento dos serviços públicos para o cidadão. Se a Constituição Federal de 1988, conhecida como Constituição Cidadã, trouxe consigo a cidadania de juri, as mobilizações procuram demandar uma cidadania de fato.

Mais do que reconstruir, observa-se a intenção de se construir a cidadania, motivo pelo qual, a sociedade se mobiliza para um estado político direto de manifestação, contestando a crise democrática da representação política e de ineficiência das políticas públicas lato sensu, executivas (execução dos serviços públicos), legislativas (elaboração de leis) e judiciárias (resolução de conflitos).

08) Internauta: Zilta Coelho

Pergunta: As manifestações canalizam as insatisfações da população com a classe política e os governos. Pelo que se vê nas ruas, os brasileiros estão descrentes com os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Eu penso que a insatisfação maior do povo brasileiro é com a Justiça porque tem mostrado que se vende, que decide por conveniência e a classe política por sua vez deita e rola nessa onda de impunidade, que na minha opinião é o que mais contribui para a continuidade da corrupção. O que o senhor pensa a esse respeito desse comportamento da Justiça perante as inúmeras denúncias de corrupção que não são julgadas?

As mobilizações sociais têm levantado questionamentos institucionais aos três poderes, Poder Executivo, Poder Legislativo e Poder Judiciário, de maneira a se concentrar com críticas aos representantes políticos nos dois primeiros poderes devido às ineficiências nos serviços públicos; não obstante, a magistratura (juízes e desembargadores) e os ministros das cortes judiciais superiores, não terem sido poupados frente à lentidão, ineficiência e politização do Judiciário na sua prestação de política pública de natureza jurisdicional quanto à solução de conflitos.

Embora as cortes superior do Judiciário brasileiro tenham exercido uma crescente atividade legiferante e executiva frente ao descaso dos respectivos poderes, reconhecida positivamente na opinião pública pelo seu importante papel de judicialização da política; o caso do Mensalão televisionado ao longo de semanas no país demonstrou o quanto Judiciário é contaminado por uma politização, motivo pelo qual tem sido identificado conivente com o estado de corrupção e violência do país.

Há que se observar que nas manifestações da sociedade brasileira, existe um entendimento da necessidade de se garantir uma atuação forte do Ministério Público e de que o poder Judiciário não produz Justiça, sendo este último criticado por problemas similares aos existentes nos outros poderes, inclusive de corrupção e troca de favores, o que gera incapacidade de enforcement das leis.

A Justiça no Brasil é interpretada pelos movimentos sociais a partir da identificação do Poder Judiciário, responsável por desenvolver as políticas públicas jurisdicionais, o que acaba reduzindo o sentido do próprio conceito de Justiça a questões decididas em tribunais, ao canalizar os recursos a apenas um ator, aquele que media os conflitos pelas vias judiciais.

O que as mobilizações não debateram se a Justiça deveria ser interpretada de maneira ampla, como um Sistema de Justiça, no qual participam os atores forenses e não forenses, sendo estes últimos focos de valorização, já que a maior parte dos conflitos não se resolve pelas vias judiciais, as quais são demoradas e custosas.

Outro ponto relevante não tocado pelos movimentos sociais, no âmbito estritamente forense é clara a assimetria no desenvolvimento das instituições públicas diante da constatação do tamanho das defensorias públicas frente ao Ministério Público, a Advocacia Geral da União e do Poder Judiciário, razão pela qual o cidadão pobre não tem condições de acesso à justiça forense.

09) Internauta: Ana Lemos

Pergunta: Gostaria de saber qual o motivo da UFRR não aplicar no Estado a prova para médicos formados no exterior do programa REVALIDA, pois no site do MEC mostra que a UFRR aderiu ao Programa.

Aqui no Estado isso é uma das reivindicações que nos moradores precisamos obter, pois temos poucas vagas para medicina e nossos filhos acabam indo fazer o curso em outro País e quando chegam aqui, não podem fazer a prova apesar da UFRR está na lista das universidades que aderiu ao Programa.

Desconheço a não aplicação do programa REVALIDA pela UFRR, mas tal como o problema do restaurante universitário que continua fechado, insisto sobre a necessidade de manifestações dos próprios estudantes e da sociedade civil interessada no sentido de garantir seus interesses, pois em um contexto em que as agendas de demandas são altas para a instituição, surgem muitas vezes, prioridades na administração universitária que nem sempre convergem com os interesses de determinados públicos.

Agradeço a pergunta e sugiro encaminhamento à Pró-reitoria de Graduação e ao curso de Medicina da UFRR, pois a temática da saúde foi um dos grandes alavancadores de discussões nas manifestações sociais pelo país, motivo pelo qual a presidenta Dilma em seu discurso em cadeia nacional procurou firmar um pacto por meio da contratação de 35.000 novos médicos pelo Ministério da Saúde, dentre os quais até 6.000 médicos poderiam ser estrangeiros a fim de atender as demandas em regiões mais carentes e que apresentam um déficit no número de médicos à disposição.

Há que se destacar que um mês antes das manifestações nacionais, as declarações dos ministros das pastas de Saúde e Relações Exteriores sobre o envio de 6.000 médicos cubanos para o Brasil se tornaram em um tema polêmico, pois a despeito de se reconhecer o hiato médico existente no país, a competência dos profissionais cubanos ou mesmo a eficiência da sua diplomacia médica na formação acadêmica e na assistência, questionamentos surgiram quanto às condições de trabalho em localidades sem infraestrutura e ao reconhecimento dos títulos para médicos cubanos atuarem no Sistema Único de Saúde (SUS), mesmo que temporariamente.

Em um primeiro plano, esta polêmica tornou-se clara à medida que se observa a força corporativa do Conselho Federal de Medicina (CFM), buscando a estruturação profissional médica brasileira e da própria política de saúde, muitas vezes aversa ou pouco aberta à entrada de médicos estrangeiros, o que conduziu a uma situação na qual apenas 1% dos médicos que atuam no Brasil serem de origem estrangeira, em contraposição à situação de outros países onde este índice é muito significativo, como naqueles de origem anglo-saxã, como Austrália (17%), Canadá (22%), Estados Unidos (25%) ou Inglaterra (40%).

Em um segundo plano, registra-se que a polêmica não está ligada a uma perspectiva corporativista ou xenófoba, mas antes diz respeito a critérios de vinda que não

necessariamente levam em consideração condições de trabalho no Brasil ou quesitos de

exigência de qualidade profissional, com revalidação de títulos e provas específicas, haja vista que em muitos dos estados com maior déficit de médicos, já existe uma presença regular de profissionais estrangeiros que é significativa, tal como em Roraima, onde representam 10% dos profissionais registrados no CRM – Conselho Regional de Medicina.

Frente a estas polêmicas, o governo federal brasileiro procura se esquivar das críticas procurando fazer um mix de políticas que venha a agradar às demandas do CFM e da sociedade brasileira, ao propor suprir a carência em estados pobres e em periferias de grandes cidades por meio da combinação de novos projetos com a comunidade médica nacional junto a uma política temporária de atração de médicos cubanos, portugueses e espanhóis, os quais deverão passar por teste, conforme previsto no REVALIDA, programa oficial revalidação de diplomas médicos estrangeiros do Ministério de Educação.

10) Internauta: Tércio Neto

Pergunta: Olá professor Elói Senhoras,

É cedo para termos uma real dimensão dos impactos dos protestos no Brasil.

Podemos dizer que o País deslocou-se para um quadro de ativismo em detrimento de uma postura passiva? Talvez não seria observável que o Brasil, devido o crescimento de sua classe média, sua inserção maior nas pautas econômicas externas, acesso maior a universidades entre outros fatores esteja entrando em um novo panorama cultural menos "ingênuo", ou seja, com um rosto polarizado entre direita e esquerda e na busca por um judiciário mais rigoroso? Observamos isso em alguns países mais "desenvolvidos". Obrigado.

Após o fim da II Guerra Mundial, o mundo passou por ondas contextuais de gerações com um grau crescente de escolarização, as quais incitaram desde o ativismo em protestos sociais até descaso social, motivo pelo qual se faz necessário observar que as atuais tendências de manifestação social no mundo e recentemente no Brasil fazem parte de um movimento pendular.

Por um lado, a geração babyboom, que nasceu entre as décadas de 1950 e 1960 trouxe consigo as manifestações estudantis de 1968, o ativismo feminista, a contra-cultura, a revolução sexual, os movimentos hippie e contra a Guerra vis-à-vis à geração X, nascida nas décadas de 1970 e 1980, que ficou marcada por um estado de letargia e individualização dos interesses frente à consolidação internacional das sociedades por meio de uma agenda caracterizada pelo neoliberalismo.

Por outro lado, a geração Y, nascida na década de 1990, responsável pelas atuais manifestações sociais no mundo e no próprio caso do Brasil, tem demonstrado a partir da capacidade de mobilização das massas por meio da internet que o pêndulo está novamente mudando para um ativismo. Não se sabe o conteúdo claramente deste movimento geracional, mas certamente, o impacto é similar ao da geração baby boom, quando se questionava à sociedade tradicional e a maneira como a política era feita.

[Principal](#)[Assinatura](#)[Expediente](#)[Denúncias](#)[Classificados](#)[Fale Conosco](#)

Copyright © 2008 - Folha de Boa Vista - Todos os Direitos Reservados